

Brasil corre atrás dos ienes

US\$ 20 bilhões dependem de um acordo em torno da dívida

LUIZ R. MARINHO
Da Editoria de Economia

O governo brasileiro, através do secretário Especial de Assuntos Econômicos do Ministério da Fazenda, Yoshiaki Nakano, deixou em Tóquio 16 projetos, mas só conseguirá acesso a uma parcela dos 20 bilhões de dólares que o Japão promete emprestar aos países em desenvolvimento depois que fechar o acordo de reescalonamento da dívida externa, não só junto aos bancos credores privados, como também com o Clube de Paris.

O Japão abrandou sua posição inicial de exigir do Brasil um acordo prévio com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para obter o dinheiro barato e a prazos longos com que pretende financiar empreendimentos no Terceiro Mundo, mas não abre mão de um acordo geral de renegociação da dívida por dois motivos básicos: os bancos privados japoneses, também fortes credores brasileiros, participam dessas operações de financiamento e uma solução para o endividamento governa o governo passa, de certa forma, pelo FMI, na medida em que o acordo com o Clube de Paris tomará por base o relatório do Fundo sobre a economia do País, já aprovado pela diretoria da instituição e favorável à política posta em prática pelo ministro Bresser Pereira.

Embora não exista ainda um horizonte possível para a assinatura do acordo sobre a dívida com os bancos privados e de governo a governo, aposta-se na Fazenda que em outubro — quan-

do se espera, pelo menos, haver um panorama mais claro dos rumos das negociações — possa ocorrer alguma sinalização do governo japonês sobre as chances dos 16 projetos que Nakano deixou em Tóquio, de onde regressou na semana passada.

Os projetos, selecionados entre muitos chegados de Ministérios e governos estaduais, à Secretaria de Assuntos Internacionais da Fazenda, beneficiam diversos setores, especialmente ciência e tecnologia, agricultura, irrigação, transportes e energia elétrica.

E justamente no setor de energia elétrica que se situa o empenhimento com mais chances de obter de imediato o dinheiro japonês, caso o Brasil feche acordos com seus credores privados e governamentais: 300 milhões de dólares dos bancos privados nipônicos, que se juntarão a um segundo empréstimo de 500 milhões de dólares do Banco Mundial para capitalizar o grupo Eletrobrás, numa operação de cofinanciamento que vem sendo tentada há cerca de dois anos.

Se tudo que reluz é ouro, o dinheiro japonês ofusca. Não só pelo volume — são 20 bilhões de dólares, obtidos de crescentes superávits da balança de pagamentos da eficiente economia do Japão, obrigado a reciclá-los — como também pelos prazos e taxas de juros, extremamente favorecidos. Não é à toa que, nos últimos cinco meses em que está no Governo, Yoshiaki Nakano já foi duas vezes a Tóquio negociar a

obtenção de um pedaço desses recursos.

Dos 20 bilhões de dólares em oferta no Japão, 14 bilhões virão de organismos governamentais e os 6 bilhões restantes serão fornecidos pelos bancos privados. Desse total, 3 bilhões de dólares não exigirão qualquer contrapartida, como, por exemplo, a vinculação à importação de equipamentos japoneses ou a exportações de produtos para o Japão. Uma parcela de 8 bilhões de dólares será liberada em regime de cofinanciamento e 9 bilhões de dólares serão fornecidos somente por três agências governamentais — o Eximbank, o Overseas Economic Cooperation Fund (OECF) e a Japan International Cooperation Agency (Jaica).

Para um país à míngua de dinheiro novo praticamente desde a crise cambial de 82, como o Brasil as condições do dinheiro japonês caem do céu.

Os empréstimos do Eximbank estão sendo oferecidos a juros que variam de 5,25 a 5,50% ao ano e prazos de 15 a 20 anos, enquanto os financiamentos da OECF custam de 4,25% a 4,50% anuais e têm prazos até 25 anos. Os créditos da Jaica são ainda mais generosos: o juro oscila de 2,5% a 3,2% ao ano e o prazo, como o da OECF, se estende até 25 anos.

E o Brasil — que na prática tem tido o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) como únicos fornecedores de recursos externos — enfrenta, até agora, poucos concorrentes nessa moderna corrida ao ouro.